

GAZETA MÉDICA DA BAHIA E A CONDIÇÃO DE
PATRIMÔNIO CULTURALGAZETA MÉDICA DA BAHIA AND THE CONDITION OF
CULTURAL HERITAGE

DOI 10.5281/zenodo.7656633

Davilene Souza Santos¹

Resumo: O artigo visa aproximar o periódico científico "Gazeta Médica da Bahia", criado em 1866, ao conceito de semióforo e patrimônio cultural bibliográfico da ciência. A originalidade das publicações, a circulação em diversas províncias do Brasil e a presença no cenário internacional indica como a trajetória do periódico adquiriu relevância para a comunidade científica do século XX. Reconhecido informalmente como um patrimônio cultural brasileiro, o periódico carece de estudos e dispositivos legais que formalize essa condição de patrimônio. No entanto, o reconhecimento da comunidade acadêmica e da sociedade em geral também tende a conferir ao objeto um valor patrimonial, seja ele, material ou imaterial. De natureza básica e caráter bibliográfico, a pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa. A temática dos periódicos científicos apresenta uma lacuna na História das Ciências quanto ao valor patrimonial, cultural e científico, a qual pode ser desenvolvida por meio da associação dessa instituição científica e a semiótica. Por essa razão, propõe-se iniciar uma investigação doutoral da trajetória, contribuições e desafios do periódico, como forma de subsidiar a sua condição de patrimônio científico do Brasil.

Palavras-chave: História das Ciências. Patrimônio cultural. Gazeta Médica da Bahia.

Abstract: The article aims to bring the scientific journal "Gazeta Médica da Bahia", created in 1866, to the concept of semiophore and bibliographic cultural heritage of science. The originality of publications, circulation in several provinces of Brazil and presence on the international scene indicate how the journal's trajectory has acquired relevance for the scientific community of the 20th century. Informally recognized as a Brazilian cultural heritage, the journal lacks studies and legal provisions that formalize this condition of heritage. However, the recognition of the academic community and society in general also tends to give the object an patrimonial value, be it material or immaterial. Of a basic nature and bibliographic character, the research is based on a qualitative approach. The theme of scientific journals presents a gap in the History of Sciences regarding the patrimonial, cultural and scientific value, which can be developed through the association of this scientific institution and semiotics. For this reason, it is proposed to start a doctoral investigation of the trajectory, contributions and challenges of the journal, as a way to subsidize its condition as scientific heritage of Brazil.

Keywords: History of Sciences. Cultural Heritage. Gazeta Médica da Bahia.

¹ Servidora da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Doutoranda em História das Ciências – PPGEFHC/UFBA. Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade – PPGEISU/UFBA. Graduada em Biblioteconomia e Documentação – ICI/UFBA. E-mail: davilenes13@gmail.com

Introdução

A discussão a respeito do patrimônio cultural brasileiro é relativamente ampla, posto que desde 1937 há debates e legislação que envolvem essa temática. No entanto, algumas categorias apresentam-se carentes de discussão e de definições, de modo que possam atender aos anseios da sociedade, da comunidade científica e dos demais integrantes da nação. A divisão do patrimônio cultural em material ou imaterial ganhou contornos ao longo do tempo, em épocas e com perspectivas diversas, e buscam abarcar monumentos, edificações, objetos, locais, manifestações e representações que identifiquem o povo e a nação brasileira.

De acordo com a legislação pertinente a esse tema, o Decreto-Lei N° 25, de 30 de Novembro de 1937, é possível observar diversas categorias que compreendem o patrimônio histórico e artístico nacional. O Art. 1º do referido decreto destaca que:

Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, **bibliográfico** ou artístico. (Grifo nosso)

Ao analisar instrumentos e suportes da ciência no Brasil, verifica-se que o estudo sobre patrimônio cultural brasileiro e suas diversas categorias apresenta lacunas a serem pesquisadas. Para (Choay, 2001) essa temática possui contornos conceituais diversos, no qual se encontram os arquitetônicos e históricos com maior destaque. No entanto, o patrimônio científico, em particular o bibliográfico, que tem contribuído no desenvolvimento nacional brasileiro, em áreas estratégicas como Ciências Físicas, Químicas, Biológicas e na inter-relação dessas, as Ciências Médicas, carece de uma análise aprofundada e definições legais.

Dessa forma, busca-se com esse trabalho compreender o conceito de patrimônio cultural, em especial o bibliográfico, e identificar características que contribuam para uma aproximação deste conceito e a representatividade nacional do periódico “Gazeta Médica da Bahia” (GMB), enquanto um patrimônio cultural brasileiro. De acordo com

uma parcela da comunidade científica (JACOBINA, 2008), a revista científica em análise possui atributos que a caracteriza como um patrimônio da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). Essa perspectiva de análise se justifica devido à originalidade, longevidade e reconhecimento científico, no cenário nacional e internacional, assim como dos resultados de pesquisas autênticas e significativas, publicados na revista entre os séculos XIX e XX.

Para o entendimento das categorias e características do patrimônio cultural, a pesquisa apresenta como referencial teórico o conceito de semióforo de Pomian (1999), que discute a questão da História Cultural e a história dos semióforos, dentro de uma vertente da semiótica. Esta concepção visa destacar o significado dos objetos dentro da identidade cultural, que aponta as características de um objeto em visível e invisível para a atribuição de sentidos.

Nesse contexto, para abarcar o conceito de documento, intrinsecamente ligado ao conceito de patrimônio e memória, tem-se como alicerce que sustenta a pesquisa trabalhos relacionados ao documento e sua conceituação apontada por Dodebei (1997; 2005a; 2005b). Desse modo, destaca-se a correlação existente entre o objeto material e o imaterial, ou seja, o significado atribuído ao material é que lhe confere a sua condição de patrimônio. Acompanhada das pesquisas realizadas por Souza e Crippa (2011); Smith (2006); Alencar (2013), que compreendem o patrimônio enquanto um processo dinâmico e com características tanto materiais quanto imateriais, a investigação acerca do periódico Gazeta Médica da Bahia (GMB) percorre as suas atribuições de sentidos histórico e cultural na área médica, para a sociedade baiana, nacional e internacional.

No que compete ao aporte teórico para a compreensão do patrimônio científico, na perspectiva do patrimônio bibliográfico, no qual se insere a revista científica, Rangel (2006; 2009) contempla esse ponto de vista da investigação. Ao debruçar-se sobre a temática da coleção de Costa Lima, Entomólogo que participou ativamente da constituição do acervo científico do Brasil, contribui com a perspectiva que envolve a construção do patrimônio científico brasileiro.

Dessa forma, a pesquisa se apresenta de natureza aplicada, com uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, em que pese à contribuição da literatura para a compreensão desses conceitos e a busca pela aproximação proposta, que associa o conceito de patrimônio cultural e o de semióforo, na atribuição de sentido e significado ao periódico que por longos anos representou o Brasil no desenvolvimento da Ciência, de modo que a concepção de memória e identidade contemple a representatividade da GMB.

A Ciência no Brasil Imperial: legado baiano e patrimônio nacional

A História da Bahia tem sido destacada em diversos momentos da História do Brasil ao longo do tempo, desde o período colonial, passando pelos anos em que se tornou império, até o regime republicano no qual nos encontramos. No entanto, a contribuição da Bahia no que compete a institucionalização da ciência brasileira, em particular da medicina experimental ou microbiana, tem sido negligenciada.

Considera-se como um dos representantes mais significativos para a institucionalização da ciência médica experimental no Brasil, a instituição posteriormente denominada de Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ), no Rio de Janeiro (Mattoso, 1973; Stepan, 1976). A participação de alguns personagens baianos e estrangeiros, radicados na Bahia, tem sua visibilidade ofuscada, quando se trata da contribuição destes no que concerne ao desenvolvimento da ciência praticada e alavancada naquela localidade em meados do século XIX. A propósito, quando se tratou da epidemia de febre amarela a partir de 1849, naquela ocasião, um dos médicos estrangeiros que atuavam na Bahia, Dr. Otto Wucherer, chegou a alertar a respeito da doença, no entanto sua fala não teria sido contemplada por ele ser de origem estrangeira, tendo sido menosprezado (FRANCO, 1969).

A década de 1850 no Brasil foi marcada por relevantes epidemias, enfermidades de diversas causas e em várias províncias, as quais foram acometidas com elevada violência, dentre estas a Bahia e o Rio de Janeiro, por ocasião da febre amarela. A Bahia

e o seu corpo médico mostraram-se preparados para enfrentar situações adversas, com o apoio da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), única instituição de ensino superior da época, e da Santa Casa de Misericórdia, instituição de assistência e caridade. Dessa forma, os médicos locais buscaram desvendar as causas, o agente transmissor ou de contágio, e as possíveis formas de cura daquela moléstia que se alastrava na província da Bahia e nas demais.

A respeito do desenvolvimento da Ciência no Brasil, em particular no século XIX, Maria Amélia Dantes, referência quando se trata dos estudos sobre as Ciências no Brasil Império, destaca que “[...] foi no século XIX que a Colônia, depois Império brasileiro, passou a contar com um aparato institucional diversificado para as ciências”. (DANTES, 2005, p. 27). Dadas às devidas circunstâncias, a ciência que se aflora a partir da chegada da Corte Real Portuguesa em 1808 no Brasil, por ocasião da Guerra ocorrida na Europa e expansão Napoleônica, fora incentivada inicialmente pela necessidade de estruturação mínima para a permanência da Corte Real em solo Brasileiro.

Diversas instituições foram criadas para amparar o Estado e a sociedade, que a partir daquele momento se instalava e se formava, de modo que os aspectos educacionais, culturais, administrativos burocráticos e de saúde fossem supridos de forma a atender as necessidades advindas da sociedade que passava a habitar em terras colonizadas.

Como exemplo dessas instituições, Dantes (2005, p. 27) destaca:

[...] em 1808, o Colégio Médico da Bahia (a partir de 1832, Faculdade de Medicina da Bahia); no mesmo ano, a Escola Médica do Rio de Janeiro (também Faculdade de Medicina, em 1832); ainda em 1808, o Horto, depois Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em 1810, a Academia Militar do Rio de Janeiro, que durante o século XIX daria origem, em 1855, à Escola Central e, em 1874, à Escola Politécnica. Por fim, em 1818, o Museu Real, depois Museu Nacional de História Natural. [Além] do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 1838, que atuou na área das ciências naturais, também.

Além dessas instituições, acrescentamos a criação do Banco do Brasil e da Imprensa Régia em 1808, e a Real Biblioteca em 1810. Já o Museu Real, citado por Dantes (2005) tornou-se posteriormente, mas ainda no século XIX, um espaço no qual se desenvolveu uma parte significativa dos estudos em ciências naturais, com a oferta de cursos relacionados à botânica, zoologia, antropologia dentre outras áreas, e exposições abertas ao público. (LOPES, 1997; MASSARANI, 1998). Em referência aos periódicos científicos, Ferreira (1996) e Dantes (2001) destacam que se apresentam enquanto uma das instituições que constituiu a pesquisa científica, em face da sua relevância e necessidade para a comunicação da ciência.

A Historiografia em torno da História da Ciência no Brasil

No que compete à historiografia que trata das Ciências no Brasil, Dantes (2001, p. 225) destaca que, “[...] era consensual entre os estudiosos [até 1980] a consideração de que a presença das ciências havia sido insignificante em terras brasileiras antes de 1900 [...], antes do período republicano”. A partir disso, Dantes (2001) destaca duas obras que são referências para pesquisadores ligados à História da Ciência. No entanto, esses estudos apontados por Dante (2001), apresentam uma perspectiva de negação para a existência de uma Ciência relevante no século XIX, no Brasil. Alega-se nas obras, “*As Ciências no Brasil*” e “*Formação da Comunidade Científica no Brasil*”, respectivamente escritas por Fernando Azevedo (1955) e Simon Schwartzmann (1979), que a Ciência desenvolvida no Brasil Oitocentista era de caráter irrelevante.

Ao apresentar os argumentos de Azevedo (1955) para a incipiente produção e cultura científica no Brasil antes dos anos de 1930, apontando que esta se deu devido à ausência de universidades, Dantes (2001) inicia uma reflexão acerca dessa compreensão daquele autor, e a associação da pesquisa científica à Universidade de São Paulo, criada em 1934, dado o seu destaque em áreas consideradas duras, como Física e Química. Essa ligação da pesquisa científica e das universidades, de certo modo, também foi reforçada por Schwartzmann (1979). Este autor considerava que a profissionalização da Ciência no Brasil esteve ligada às universidades e institutos de

pesquisa, o que “corresponde ao reconhecimento social da atividade científica”, nesse ponto, a compreensão encontra ressonância com os destaques apresentados por Dantes (2001, p. 227).

Segundo Schwartzmann (1979, p. 81), “sem o apoio político mais decidido e sem uma base social, a ciência e a educação superior no Brasil vegetaram”, antes da criação das universidades. Por outro lado, para desmistificar que os aspectos políticos, sociais e educacionais influenciaram o desenvolvimento da Ciência no Brasil Oitocentista, Dantes (2001) retoma esse ponto de vista, de modo a apresentar que, mesmo sem os devidos aportes sociais, políticos e econômicos, o Brasil exercia um papel científico significativo, diante do esperado e possível para o século XIX.

Nessa conjuntura, a obra de Stepan (1976) apresenta uma perspectiva relevante ao abordar o início das Ciências no Brasil nos anos finais do século XIX. Contudo, para essa pesquisadora, o reconhecimento científico brasileiro somente ocorre nos anos 1920 com o Instituto Oswaldo Cruz, o que de certa maneira, ainda reforça a existência incipiente da produção científica anterior aos anos de 1890, ou seja, antes do período republicano, nos tempos do império.

Diante da perspectiva de Schwartzmann (1979), correlacionando-a com as pesquisas de Stepan (1976) “o instituto da área médica, voltado para uma ciência utilitária, confirmava a não existência de uma Ciência verdadeiramente profissionalizada no Brasil até os anos de 1930”, conforme apontado por Dantes (2001, p. 227-228). No entanto, há um ponto significativo destacado esta pesquisadora, no qual aponta a presença de referências nas obras de Azevedo (1955) e Schwartzmann (1979) relativas a “instituições existentes e atuantes no Brasil desde o período colonial”. Dessa forma, acrescenta-se que, “estes autores, apesar de registrarem a presença de instituições científicas no Brasil imperial, lhes negam uma atuação significativa” (DANTES, 2001).

A Historiografia acerca da História das Ciências, a partir da década de 1980, percorre novos rumos em direção ao aprofundamento das relações científicas entre

atores e instituições nos anos que antecederam a Proclamação da República. Esse fato deve-se ao proposto pela historiografia pretérita, que apresenta o período republicano como o marco da ciência brasileira. Ao buscar os personagens e instituições da Ciência no Brasil, que se desenvolveram no seio do século XIX, têm-se um novo marco para a Ciência nacional, pelo menos em uma perspectiva investigativa.

Amparados por essa iniciativa, diversos pesquisadores observaram a partir dos estudos sobre a Sociologia das Ciências, a necessidade de adequação aos aspectos próprios dos Oitocentos, de modo que o anacronismo presente na historiografia sobre a Ciência no Brasil de outrora fosse superada, “e a defesa do uso de padrões de cientificidade próprios do século XIX para o estudo do período imperial” fossem atendidos (DANTES, 2001, p. 230).

Essa abordagem permitiu ampliar as investigações relativas à História das Ciências no Brasil Império, e inúmeras pesquisas relacionadas a instituições científicas dos Oitocentos têm sido desenvolvidas, “estudos abrangentes, como o museu de história natural, escolas de engenharias e faculdades de medicina”. Acrescenta-se, portanto, que outras esferas como “sociedades científicas e institutos agrícolas” também ganharam espaço na investigação sobre a Ciência. Assim como se pontua o crescimento e amplitude do “conceito de história institucional [...] passando a englobar outros espaços aglutinadores, como as revistas científicas”. (DANTES, 2001, p. 231).

Nesse sentido, “mudanças conceituais e de entendimento da natureza da História da Ciência, e o estudo das instituições imperiais vem ganhando relevância” (Dantes, 2001, p. 233). Esse fato justifica ancorar a Gazeta Médica da Bahia nessa perspectiva de instituição da Ciência do Brasil Império, tendo atravessado os dois últimos quartis do século XIX com relevância significativa e se manteve atuante até os primeiros 34 anos do século XX. Dessa forma, destaca-se a visibilidade dada as pesquisas desenvolvidas na Bahia, ampliada pelas publicações nesse periódico científico que fora distribuído e esteve em circulação em diversas províncias do Brasil e no exterior.

Por outro lado, Silva (2019, p. 230) ao mencionar alguns autores relacionados com a História das Ciências, tais como: Latour e Woolgar (1997); Eric Hobsbawn (1984); Thomas Kuhn (1994); Shapin e Schafer (2005) e Fleck (2010), acrescenta que “para todos os autores os periódicos e manuais da ciência são fontes inesgotáveis para a história”, o que corrobora a perspectiva de investigação em torno de um periódico científico, que de certa maneira, apresenta a sociedade e o desenvolvimento da ciência do seu tempo.

Ademais, Dante (2001, p. 234) sinaliza que é “muito recente a revisão da imagem retrógrada atribuída ao Império, em contraste com os tempos republicanos, visto como o marco da introdução, no país, de valores modernos”. Posto isso, acrescenta-se que, dessa publicação de Dante (2001) até os dias atuais, passaram-se mais de 20 anos, e, no entanto, ainda são incipientes os estudos acerca da Ciência no Brasil Oitocentista.

As investigações a respeito das potencialidades das revistas científicas, conforme mencionado por Ferreira (1996) e Dantes (2001), que são instituições da Ciência, merecem serem analisadas, investigadas e inseridas no rol de estudos que contemplem o século XIX. Esse período se apresenta como uma época de franca expansão em diversos ramos da Ciência, e deixaram legados significativos para o Brasil.

É nessa perspectiva que se analisa a Gazeta Médica da Bahia enquanto um patrimônio cultural e científico do Brasil, tendo representado o país em diversas localidades do mundo. Uma das suas referências é identificada na revista “*The Lancet*”, de Londres, na qual o Dr. Silva Lima (1878a) emite uma carta ao periódico como forma de desfazer uma interpretação equivocada a respeito de um artigo seu publicado na GMB. Este é um dos artigos apontado como de conhecimento pela comunidade científica internacional.

Por outro lado, a sua circulação da GMB em Paris, com efetivas menções, comentários de médicos Franceses e traduções para a revista científica “*Archives de Médecine Navale*”, nas seções de *Pathologie* e *Helminthologie*, em particular também

por Silva Lima (1877; 1878b), demonstram o grau de interesse de pesquisadores estrangeiros nas pesquisas desenvolvidas no Brasil, em especial na Bahia. Esse fato reforça a condição de patrimônio histórico e de memória do periódico no que compete a guarda de aspectos do desenvolvimento científico do período Imperial e Republicano no país.

O patrimônio cultural associado ao conceito de semióforo

O aporte teórico da investigação tem como alicerce os estudos de Pomian (1999) sobre o conceito de semióforo, que norteia o conceito de patrimônio, dentro de uma concepção semiótica. No que pese à significação dos objetos, a abordagem qualitativa desse conceito busca juntamente com a legislação que abarca o tema no Brasil, as iniciativas nacionais e suas manifestações em torno da concepção de patrimônio nacional na década de 1930, com a primeira legislação sobre essa temática em 1937.

Aponta-se por outro lado, as instruções normativas contidas na Constituição Federal da República do Brasil em vigência (1988), que destaca o patrimônio cultural brasileiro, e os bens arrolados. Buscar-se-á nessa seção compreender o conceito de patrimônio e suas diversas categorias, de modo que o patrimônio cultural de cunho científico, em especial o bibliográfico seja contemplado.

De acordo com Dodebei (2005b) o conceito de patrimônio perpassa pela interseção do domínio conceitual da memória social com o domínio conceitual da informação para a sua construção. Dessa forma, esses conceitos podem ser entendidos pela perspectiva do patrimônio como uma categoria circunstancial de pensamento e como um agregado de valor simbólico informacional. Interessa-nos investigar essas concepções, de modo que a atribuição de sentido e significado se alinha com o entendimento de Pomian (1999) no que compete à questão da análise do objeto visível e invisível, ou ainda a relação do tangível com o intangível, destacada por Souza e Crippa (2011).

O patrimônio material e imaterial, conforme distingue a legislação e a historiografia, alinham-se de um modo simbiótico segundo alguns pesquisadores, posto que “o patrimônio intangível está imerso em um universo material, que é utilizado como suporte e símbolo para a sua perpetuação” (SOUZA E CRIPPA, 2011, p. 247). Aqui, o patrimônio intangível corresponde ao patrimônio imaterial, que no entendimento dos autores, assim como nas reflexões de Dodebei (2005b), está diretamente relacionado com o patrimônio material ou tangível, de modo que um não existe sem o outro, visto que a significação dada ao objeto é o que lhe confere a condição de patrimônio.

Essa questão encontra ressonância na interpretação destaca por Mazzili (2007), quando se trata da questão da oficialização de um patrimônio cultural, em que pese alguns instrumentos legais possíveis, dentre eles os citados na Constituição Federal (1988). Em seu Art. 216, parágrafo 1º, a CF destaca que “O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação”.

No entanto, de acordo com Mazzili (2007, p. 216):

É perfeitamente cabível a proteção ao bem de valor cultural, esteja ou não tombado. Um bem pode ter acentuado valor cultural, mesmo que ainda não reconhecido ou até mesmo se negado pelo administrador. [...] O tombamento é ato declaratório e não constitutivo desse valor, pressupõe esse valor; não é o valor cultural que decorre do tombamento.

Nesse aspecto, para Pomian (1999), é exatamente esse significado atribuído ao objeto, ou o valor declaratório que lhe confere a condição de semióforo. Já para Souza e Crippa (2011, p. 251) no que compete a condição de tangível ou intangível para o patrimônio,

[...] não faz sentido uma separação entre patrimônio tangível e intangível ou objeto e processo, pois ele só se explica nesta relação, o que obriga qualquer ato documentário ir além da descrição dos produtos ou documentos originais de uma manifestação cultural e considerar os processos que garantiram sua produção.

É nessa perspectiva, por meio da compreensão do contexto social, político e cultural de uma determinada época, que poderá ser atribuído ou não a condição de patrimônio a um objeto ou processo de construção de ordem significativa para uma sociedade.

Pomian e o conceito de Semióforo: relação com a Gazeta Médica da Bahia

Na construção teórica para a constituição da Gazeta Médica da Bahia enquanto um patrimônio cultural de cunho científico, na categoria bibliográfica, busca-se no entendimento de Pomian (1999) acerca do conceito de semióforo o aporte necessário para essa atribuição. Por meio da semiótica, área do conhecimento que estuda a construção dos significados, no qual se ancora o conceito de semióforo cunhado por Pomian (1999), encontra-se um arcabouço teórico significativo, posto que o autor em uma das suas análises correlaciona o objeto visível com o invisível para essa atribuição de sentido. Dessa forma, em uma das suas reflexões, na qual constrói uma relação entre o texto literário e o livro, Pomian (1999, p. 14) destaca:

[...] el libro ya no es únicamente un objeto visible: remite a un destinatario exterior y a una significación invisible que se supone que éste debería poder extraer al leerlo. Pero la obra literaria, por su parte, no es solamente una entidad ideal, pues existe, realmente en el intelecto del lector: cuando lee un libro y lo comprende, éste programa en cierta medida – dependiendo de su contenido y circunstancias –, sus estados internos y a veces sus comportamientos. En esta perspectiva, el libro es un semióforo: un objeto visible investido de significación.

Nesse sentido, é que se atribui o entendimento do conceito de patrimônio cultural bibliográfico para a GMB, ancorado pelas concepções de diversos autores, na qual se correlaciona a parte material do objeto ou documento, com a simbologia a ele atribuída. No entanto, cabe destacar que o contexto, ou como pontuado por Dodebei (2005b), a circunstancialidade será um dos atributos necessários para essa condição. Percebe-se que esse entendimento encontra correlação com o exposto por Pomian (1999), no qual o autor aponta a condição de objeto material revestido de significação para a sua constituição enquanto semióforo.

A GMB apresenta uma originalidade, longevidade e representatividade significativa para um periódico criado em meados do século XIX. Por outro lado, possui o respeito e dedicação da comunidade científica e acadêmica, com diversos trabalhos científicos que pontuam parte da sua trajetória, ou sobre os seus diretores e redatores. Para Fleck (2010) os periódicos científicos participam do desenvolvimento da ciência em dois pontos cruciais, seja projetando ideias que giram em torno de controvérsias científicas, ou mesmo enquanto participante dos processos de articulação do conhecimento (SILVA, 2019).

Por sua vez, Silva (2019, p. 231) destaca a “utilização dos periódicos científicos como fonte de estudos históricos”, o que de fato se configura quando se observa os mais diversos estudos desenvolvidos em torno da GMB enquanto fonte de investigação. A Gazeta Médica da Bahia tornou-se uma relevante fonte de investigação sobre os mais variados assuntos discutidos e debatidos em suas páginas. De todo modo, acrescentamos que não somente o seu caráter primário documental é significativo, como também o seu potencial para se apresentar como um objeto de estudo.

Esses dados reforçam como a revista galgou um patamar de reconhecimento significativo pelos acadêmicos nacionais e internacionais. O periódico destacou-se pela originalidade com a qual tratava, de forma distinta, alguns assuntos da área médica, por meio de ilustrações e traduções, atribuindo um significado para as enfermidades da época, de modo que estas fossem vistas pelo viés microbiano, desmistificando as características raciais ou ambientais com as quais algumas doenças eram associadas. (SCHWARCZ, 2005); (PEARL, 1990; 1999); SANTOS (2008; 2012); SANTOS (2009).

Com o aporte de uma microbiologia que nasceu na Europa, a partir dos anos 1850, os médicos da província da Bahia por meio da GMB, demonstram um engajamento científico e de interlocução com os seus pares europeus. Dessa forma, Edler (2011, p. 151) com base nas investigações da Pearl (1997) destaca que:

Ao investigar as doenças típicas desse clima [tropical], os tropicalistas da Bahia utilizaram amplamente os mais avançados instrumentos da

medicina europeia, tais como a estatística médica, os novos métodos clínicos baseados na medição e na fisiologia aplicada, o uso da química na análise das partes fluidas do corpo, particularmente no campo da hematologia, a nascente parasitologia e, sobretudo, a microscopia, cuja utilização foi pioneira na Bahia. Cada um desses instrumentos, ela argumenta, [Peard, 1997], os diferenciava da medicina vigente.

Ainda em sua análise a respeito da pesquisa realizada pela Peard (1997), Edler (2011, p. 151) acrescenta que:

Os tropicalistas teriam rejeitado o antigo modo de interpretar as doenças tropicais a partir de difusos fatores ambientais, impondo um novo modelo científico, o qual mudava o foco de suas pesquisas do meio ambiente para doenças individuais e específicas. Teria sido essa nova orientação de seus trabalhos que os levou a serem aclamados internacionalmente e lhes imprimiu uma mais vigorosa identidade como movimento médico.

Esses trechos destacados da obra de Edler (2011), na qual realiza uma análise da investigação e das reflexões de Peard (1997) a respeito do grupo de médicos da Bahia, posteriormente conhecidos como 'tropicalistas' demonstra o quanto revolucionário foi a atuação destes no campo da medicina no Brasil, com a utilização de instrumentos e técnicas que se evidenciavam na Europa.

Entretanto, em trechos seguintes Edler (2011) discorda da existência de uma 'Escola Tropicalista Baiana', nomenclatura com a qual médicos inseridos na atmosfera da GMB foram reconhecidos e identificados por Coni (1952). Ademais, a relevância das pesquisas realizadas pela medicina exercida na Bahia não passa despercebida por aquele influente pesquisador brasileiro, corroborando com diversos autores que consideram significativas as descobertas do núcleo de médicos tropicalistas da Bahia.

Nesse contexto é que se localiza a GMB, um periódico científico criado por um grupo de médicos situados na Bahia, para comunicar aos seus pares nacionais e internacionais as descobertas acerca das doenças identificadas no Brasil, prematuramente associadas ao clima tropical do país, contribuindo para o desenvolvimento da Ciência brasileira. Em destaque, Silva (2019, p. 231) aponta o papel de prioridade dado aos periódicos, adotado pela sociedade científica em meados do

século XIX, na qual esse significativo canal de comunicação da ciência, que suscitava a interação entre os especialistas e instituições, ascende em um patamar elevado aos dos livros no período.

A revista científica, no fluxo da ciência, possui um papel relevante no tocante ao compartilhamento de informações e dados científicos, Meadows (1999), e dessa forma se deu a atuação da GMB. O periódico disseminou a tradução de textos estrangeiros publicando-os em suas páginas, possibilitando à sociedade brasileira o acesso a esse tipo de informação internacional. Além disso, publicou textos oriundos de pesquisas com metodologias inéditas para a época, como ilustrações de algumas enfermidades, e acerca das descobertas de diversos agentes etiológicos de algumas doenças que acometiam o povo de modo geral. Ademais, esses fatos conferiram à GMB um papel de destaque junto à comunidade científica do Brasil.

Essa notoriedade atribuída ao periódico, é que coloca em relevo a necessidade de aprofundamento do tema acerca da sua função enquanto patrimônio cultural nacional, demonstrando além do que esse objeto visível apresenta, mas também o que em seu aspecto invisível está carregado de significados para a História da Ciência no Brasil.

O papel relevante da GMB rendeu-lhe o agraciamento de dois prêmios, um nacional e outro nos Estados Unidos. Conforme destacado por Jacobina, Chaves e Barros (2008, p. 93):

Cabe aqui lembrar duas de suas premiações que foram obtidas pela Gazeta Médica da Bahia, **atual patrimônio da Faculdade** [de Medicina da Bahia]: o prêmio internacional na Exposição Universal Colombiana, realizada em Chicago, em 1893; e o prêmio nacional, em 1908, na Exposição Nacional comemorativa do centenário da abertura dos portos brasileiros, que ocorreu no Rio de Janeiro. (Grifo nosso)

Diante do cenário no qual a GMB obtém o reconhecimento por meio de premiação nacional e internacional, com uma distinta representatividade para a nação brasileira, inserida no arcabouço da institucionalização da Ciência brasileira, torna-se

necessária a investigação deste instrumento da ciência, diante das suas potencialidades para constituição do patrimônio cultural e científico do Brasil.

O Processo de constituição do patrimônio cultural e científico

A Constituição Federal (CF) de 1988, conhecida como a constituição cidadã, no Art. 216 prevê que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Dessa forma, a constituição de um patrimônio bibliográfico de cunho científico, enquadra-se na terceira perspectiva arrolada na CF (1988), que define as criações científicas, artísticas e tecnológicas como objetos passíveis de conservação com o intuito da preservação e memória nacional.

De acordo com Rangel (2006, p. 267) “No processo de construção do patrimônio científico deve ser compreendido o vasto conjunto de bens materiais e simbólicos produzidos ou utilizados ao longo do trajeto da produção e difusão do conhecimento”. Por outro lado, acrescenta-se a importância das coleções científicas, de natureza diversa, terem contribuído para a constituição e institucionalização da ciência no Brasil.

Desse modo, “[...] além de as coleções científicas se colocarem como fonte crucial de informação para a medicina, farmácia, agronomia etc., elas também se transformaram em herança cultural, em testemunho da rica história do descobrimento e da expansão

da sociedade brasileira em seu território (RANGEL, 2006, p. 267). Nesse contexto, englobam-se as coleções científicas de cunho bibliográfico, como os livros e periódicos.

Em se tratando de uma concepção na qual um objeto, seja de ordem material ou imaterial, adquire valor simbólico e transcende o tempo e o espaço, tornando-se um semióforo, estes “objetos de uma coleção só passam a adquirir status de expressão de herança natural ou cultural depois de estudados e tornados acessíveis à coletividade (RANGEL, 2006, p. 268). Nessa perspectiva é que se insere a análise da condição de patrimônio ou herança cultural, de base científica, que adquiriu o periódico científico *Gazeta Médica da Bahia*, ao se constituir como um dos meios de comunicação da ciência desenvolvido no Brasil, em particular na Bahia, no século XIX e adentrando o século XX de forma representativa e vigorosa.

Esse processo de constituição de um objeto em patrimônio nacional perpassa por diversas vertentes, uma delas se expressa no valor simbólico atribuído pela sociedade. Nesse caso em especial, a sociedade representada pela comunidade científica nacional e internacional confere à GMB o título de representatividade, com indexação dos seus artigos evidenciados em diversas bases internacionais como a “*National Library of Medicine*”, em virtude da sua originalidade e contribuições para o desenvolvimento das pesquisas médicas, comunicando em suas páginas fatos científicos de significativa relevância.

Para Silva (2019, p. 232), “várias são as potencialidades de pesquisas com o material contido no espaço das bibliotecas brasileiras, com acervos de grande abrangência e também pode ser a perspectiva de inovação no trato com os acervos especializados das ciências da saúde”. Pensando nisso é que se apresenta o acervo da *Gazeta Médica da Bahia*, sob a curadoria da Bibliotheca Gonçalo Muniz, e do seu Memorial de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia.

O Patrimônio bibliográfico, documental e científico da Universidade Federal da Bahia: A institucionalização da Gazeta Médica da Bahia

O Patrimônio bibliográfico e documental da Universidade Federal da Bahia (UFBA) foi tema de uma palestra online proferida pela Bibliotecária Maria Alice Ribeiro (2020), na qual a palestrante destaca as características e composição do acervo da instituição antes e depois da Reforma Universitária de 1968. Segundo Ribeiro (2020), em um primeiro momento, o acervo da UFBA se constituía em sua maioria de obras estrangeiras, em particular de obras Inglesas, Francesas e Espanholas. Com a criação dos primeiros cursos de Mestrado em Matemática, Física, Química e em Ciências Humanas, a partir de 1969, a produção científica local começa a emergir.

De acordo com Ribeiro (2020), o contexto no qual os acervos se inserem acompanha o ritmo e o crescimento da instituição. Nesse sentido, a característica mais evidenciada em um segundo momento, estava voltada a atender os currículos de ensino. Desse modo, compreendem-se os acervos como de bibliografia básica e bibliografia de memória histórica. Já a característica do acervo que nos interessa é exatamente o apresentado em seguida. É um tipo de acervo composto por coleções particulares, doadas por seus colecionadores, gestores ou seus descendentes. Nessa perspectiva é que ocorre a incorporação da GMB no patrimônio da FAMEB na UFBA, “quando da doação [do acervo] feita pela família Novis”, após o falecimento do último diretor do periódico, em sua primeira fase, o Dr. Aristides Novis. (BASTIANELLI, 2002).

A Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), uma das unidades da Universidade Federal da Bahia, tornou-se a instituição responsável pela curadoria do periódico a partir do ano 1953, após o encantamento do médico e professor Aristides Novis, que manteve a GMB em circulação até 1934. A transferência da guarda da revista à FAMEB ocorrera por intermédio dos descendentes daquele médico, evidenciando a participação mais direta da FAMEB junto ao periódico a partir de meados do século XX. (JACOBINA; CHAVES E BARROS, 2008).

No que concerne ao patrimônio bibliográfico, documental e científico da UFBA, de modo geral, Ribeiro (2020) destaca que é, “um patrimônio que representa a forma como a Universidade existiu, existe e existirá no futuro”. Acrescenta que a preservação do patrimônio deve se fazer presente na instituição:

Porque todo aquele que valoriza o seu patrimônio saberá o caminho a seguir, saberá de onde veio. A Universidade Federal da Bahia sabe a sua história, sabe como se formou, sabe o seu valor através daquilo que tem como patrimônio recebido, mas também daquilo que produziu como ciência, como cultura e que está formado ou não só pelas teses, pelos relatórios, mas também por toda documentação que é formado o seu acervo. (RIBEIRO, 2020)

Dessa forma, Maria Alice Ribeiro (2020) acrescenta que “é preciso que tenhamos um sentido de que uma instituição, um país, um indivíduo se reconhece por aquilo que ele produziu, por aquilo que tomou como base”. Essas reflexões apresentam uma sintonia direta com as Recomendações de Paris (1964), editada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) e da Carta do Rio de Janeiro (2017), que versam a respeito do legado tangível e intangível do patrimônio cultural da ciência e tecnologia produzido pela humanidade. Definindo, portanto, a importância da conservação de coleções científicas, bem como, identifica alguns dos objetos de significação cultural da ciência, dentre eles os cadernos de campo e documentos públicos e privados, no qual podemos incluir os periódicos científicos.

Desse modo, a partir da Carta do Rio de Janeiro (2017) objetiva-se contribuir com a preservação do Patrimônio cultural da ciência e tecnologia, que estimula o debate e incentiva a criação de políticas públicas para a identificação, preservação e divulgação desse patrimônio. Uma das diretrizes dessa carta perpassa pela construção de “ferramentas de reconhecimento institucional, formal, da existência de conjuntos de objetos e coleções - como inventários, livros de tomo, portarias, instruções normativas, etc. - na unidade de tutela direta do acervo”. Por outro lado, apresenta uma diretriz que se volta a “reconhecer o potencial do Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia para a divulgação da ciência e promoção da cultura científica junto a públicos mais vastos” (CARTA DO RIO DE JANEIRO, p. 6).

Essas duas diretrizes destacadas, de um total de 12 apontadas pelo documento, possuem estreitas relações com essa pesquisa, na perspectiva que apresentamos de um objeto que se insere na constituição do patrimônio cultural e científico, pelo sua história como um canal de comunicação da ciência em meados do século XIX e adentrando o século XX, contudo, carecendo de investigações e dispositivos legais que o posicione em um patamar de reconhecimento oficial da sua característica de patrimônio da ciência nacional. De acordo com Ribeiro (2020), “o patrimônio documental da UFBA é uma mina a ser lapidada”, e certamente uma dessas relíquias a ser explorada é a Gazeta Médica da Bahia.

Conservação, Preservação e Segurança do Patrimônio científico da UFBA

O acervo do periódico em questão passou por um processo de digitalização, por meio de um projeto desenvolvido pela pesquisadora Luciana Bastianelli em 2002, no qual a autora destaca que a “Gazeta Médica da Bahia é um dos patrimônios mais elevados de cultura da história da Medicina brasileira” e acrescenta que, “as publicações que se fizeram antes, livros e periódicos, marcaram, esporadicamente, momentos, mas não deixaram definitivos traços” (2002, p. 13).

Esse memorável projeto contou com diversas etapas, dentre elas a localização e recuperação de números dispersos da GMB em diversas instituições, desde a própria Faculdade de Medicina da Bahia, Memorial de Medicina da Bahia e sua Bibliotheca Gonçalo Moniz, como a Biblioteca Gonçalo Moniz da Fiocruz, a pesquisadora obteve êxito e conseguiu recuperar 73 volumes do periódico. Nesse sentido, a necessidade de restauração, dado o avançado estado de decomposição de alguns volumes, foi inevitável e necessário.

Dessa forma, o projeto avançou para uma segunda etapa que possibilitou a disponibilização de forma online e gratuitamente, mais de 90% dos artigos publicados pela GMB entre os anos de 1866 e 1934, primeira fase de circulação, que compreende esse total de 73 volumes indicados. A fase seguinte de publicação e circulação do

periódico, compreendida entre 1966 e 1972, além do seu número especial em 1976, também foram contemplados com as suas respectivas edições disponibilizadas ao público de forma online².

Para Bastianelli (2002, p. 21) a GMB, “representa um opulento patrimônio histórico”, que apresentou a sociedade “não apenas a reunião de trabalhos científicos, como também se referindo, através de noticiários e memórias históricos de seus acadêmicos, aos hábitos e comportamentos sociais de épocas passadas, [com] valores históricos incalculáveis” (Ibidem). Nesse sentido, destacamos no periódico as suas características históricas, retratadas em suas páginas, de modo que evidencia aspectos relevantes da cultura, política e sociedade baiana e brasileira do século XIX.

Esse traço da GMB proporciona aos pesquisadores e estudiosos da História das Ciências uma imersão nos assuntos relacionados à medicina e o desenvolvimento da ciência na Bahia e no Brasil. Ao apresentar tais propriedades, nota-se que a GMB configura-se como um patrimônio não somente da Faculdade de Medicina da Bahia, mas de toda a sociedade baiana e nacional.

Quando se trata do volume e diversificação dos assuntos contemplados nas páginas da GMB, Schwarcz (2005) destaca a quantidade de estudos desenvolvidos e publicados alinhados com a perspectiva nacional do início do século XX, que perpassava pela questão da higiene pública, evidenciada no período tido como nacionalista. Dessa forma, a autora apresentou em seus estudos, um quadro que relaciona as seções da GMB e o quantitativo de artigos publicados por seção. Apresentamos no Quadro 1 a reprodução desse levantamento, como forma de exemplificar a amplitude da GMB na primeira fase de circulação, entre 1866 e 1934. Contudo, os números abaixo refletem o período de 1870 e 1930 limitados pela pesquisa original da Schwarcz (2005).

² Gazeta Médica da Bahia. Disponível em <<http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia>>. Acesso em 13.12.2022.

Quadro 1: Representação das seções da GM

<i>Tema</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>
Bibliografia	190	11
Biografias e necrologia	84	5
Medicina (geral)	217	12
Medicina interna	245	14
Medicina prática	75	4
Medicina cirúrgica	113	7
Medicina legal	87	5
Higiene pública	617	36
Medicina nervosa/neurologia	61	4
Ciências naturais	25	1
Eugenia	28	1
TOTAL	1742	100

Fonte: Schwarcz (2005)

Diante do exposto, a autora acrescenta que:

os artigos permitem visualizar certas características da publicação. Primeiramente, a superioridade numérica dos ensaios de “higiene publica”, que compreendem não só a epidemiologia, como temas de saneamento, higienização, demografia e meteorologia. A “medicina interna” aparece em segundo lugar, também recobrando uma área vasta de interesses: oftalmologia, ginecologia, pediatria, odontologia, clínica em geral.

Com esse estudo desenvolvido por Schwarcz (2005) é possível identificar algumas seções, explorar áreas de interesse e desenvolver inúmeras pesquisas acadêmicas e científicas no âmbito do acervo da GMB. Apresenta-se dessa forma, um patrimônio cultura e científico que já tem sido alvo de diversas investigações no Brasil e no Exterior, todavia, encontra-se longe de ser esgotado, haja vista a vasta amplitude do acervo, que permite ser analisado por múltiplas perspectivas metodológicas e epistemológicas.

Em relação à segurança do patrimônio bibliográfico e documental, que perpassa pela cultura e científica da UFBA, de modo geral, Ribeiro (2020) aponta a importância da adoção de medidas que evitem a perda desse acervo, seja por questões de conservação, preservação ou mesmo por perda originária pelo acesso dos

pesquisadores ao material. Por outro lado, acrescenta a ausência de uma política institucional de segurança para o patrimônio bibliográfico e documental da UFBA.

Destaca-se ainda, a inexistência de um dispositivo legal na UFBA, que proteja o acervo patrimonial da instituição. Todavia, a *Recomendação de Paris* (1964), em seu princípio geral informa que, “para garantir a proteção de seu patrimônio cultural contra todos os perigos de empobrecimento, cada Estado Membro deveria adotar as medidas adequadas para exercer um controle eficaz sobre a exportação de bens culturais” (RECOMENDAÇÃO DE PARIS, 1964, p. 2). Dessa forma, percebe-se que investir no aprofundamento do estudo sobre uma política de preservação e segurança do acervo de obras raras e especiais da UFBA, surge como medida essencial para o atendimento dessa premissa recomendada pela UNESCO.

Ações como o projeto realizado por Bastianelli (2002) minimiza a circulação do material impresso e permite o acesso ao acervo de forma democrática. Alinhado a esse projeto, sob a execução da Bibliotheca Gonçalo Moniz, do Memorial de Medicina da UFBA, tende a ser ampliado na perspectiva da disponibilização dos artigos do periódico da GMB, por meio da indexação dos mesmos no Portal de Periódicos da UFBA. Conseqüentemente, com a inserção de metadados, o que facilitará de sobremaneira a recuperação do conteúdo e sua conseqüente conservação, preservação e segurança.

Por outro lado, e nessa mesma perspectiva, Ribeiro (2020) destaca a execução de um projeto de digitalização de outra revista científica patrimônio da UFBA, que é a “*Revista Universitas*”, para disponibilização em meio digital. Essas ações facilitam o acesso, preserva o material e democratiza a inserção de novos pesquisadores no universo científico. Essas ações refletem, em partes, as *Recomendações de Paris* (1964), no que compete a conservação, preservação e segurança do patrimônio cultural e científico do país.

No lastro da propriedade de patrimônio cultural e científico da GMB, destaca-se um dos expoentes do desenvolvimento científico da medicina proveniente da província

da Bahia, que foi o Dr. Otto Edward Henry Wucherer, um dos fundadores do periódico objeto desse estudo. Médico de origem germânica, radicado na Bahia, realizou descobertas significativas por meio das suas observações, tendo sido considerado o fundador da helmintologia brasileira. No entanto, na perspectiva das suas realizações, a sua história e o seu legado carecem de estudos aprofundados, de modo que sociedade baiana, brasileira e internacional conheçam a importância desse médico para a medicina nacional.

Em estudos realizados por Gurgel; Carneiro e Coutinho (2010, p. 257), destaca-se que somente “em 1921, [foi] reconhecida a importância das pesquisas realizadas na Bahia, em especial pelo Dr. Wucherer sobre a filariose linfática, [e] o nome *Wuchereria Bancrofti* de seu agente patogênico foi finalmente aceito pela comunidade médica internacional. Destaca-se a descoberta realizada pelo Dr. Wucherer para justificar as razões que nos levam ao objeto deste artigo, o periódico GMB.

A partir das reflexões deste médico juntamente com alguns outros integrantes de uma associação de médicos independentes, é que foi criada em 1866, na Bahia. Em uma das províncias do Brasil, a revista científica de maior longevidade e repercussão nacional e internacional alcançada, foi gestada e protagonizou momentos diversos da História da Bahia e do Brasil, como a Guerra do Paraguai, e por mais de meio século, circulou entre províncias, posteriormente, Estados e no Exterior, em sua primeira fase até 1934.

É nesse contexto que a revista tem sido abordada pela comunidade científica a partir do século XX, em alguns casos como um patrimônio da medicina baiana, no qual acrescentamos a categoria cultural, bibliográfica científica, dada a relação com a História cultural e científica local. (JACOBINA, CHAVES E BARROS, 2008).

No que compete a História da Ciência no Brasil, Rangel (2006, p. 269) acrescenta que “ao preservarmos o patrimônio científico brasileiro, estamos realizando, a partir do presente, uma ligação direta com o nosso passado, com o desenvolvimento da ciência

e dos homens que contribuíram para a sua consolidação”. Nesse sentido, reforçamos a necessidade de inclusão dos instrumentos e ferramentas bibliográficas que também contribuíram para que a ciência brasileira se desenvolvesse e alcançasse reconhecimento nacional e internacional.

Em artigo publicado por Jacobina e Gelman (2008, p. 1078), no qual busca destacar a “contribuição do médico e professor Juliano Moreira para a Gazeta Médica da Bahia”, destacando a condição de patrimônio da GMB, percebe-se que a “revista [é] considerada um dos patrimônios culturais da história da medicina brasileira, pois serviu de veículo para as pesquisas originais de uma ‘associação de facultativos’ que ficou consagrada com a denominação de Escola Tropicalista Bahiana”. Esta última expressão para identificar o grupo de médicos, que atuou na concepção da medicina tropical na Bahia, fora cunhado por Coni (1952) já no século XX. Dessa forma, no período de atuação dos referidos médicos, o termo ainda não teria sido utilizado, mas chegou a ser cogitado por Juliano Moreira no início do século XX, conforme aponta Jacobina (2019).

Considerações finais

Considerando que o texto navegou brevemente pela historiografia acerca da História das Ciências no Brasil, de modo a reconhecer nas instituições, personagens e pesquisas desenvolvidas no período Imperial como de contribuição substancial para a institucionalização da ciência nacional, buscou-se identificar características do periódico científico Gazeta Médica da Bahia, que o aproximasse do conceito de patrimônio cultural.

Com o aporte teórico e conceitual de Pomian (1999) a respeito da significação atribuída aos objetos, é o que incentiva-nos a designá-lo como um semióforo. Dessa forma, a investigação permitiu compreender e ampliar a conexão entre essa teoria, que apresenta um significativo potencial para associá-la de forma coerente ao objeto de estudo.

Os relatos apresentados acerca da GMB permite a continuidade da pesquisa acerca da concepção de patrimônio cultural de cunho científico e bibliográfico. Nesse contexto, o periódico é representado como um patrimônio cultural da História da Medicina na Bahia, e de forma ampliada no Brasil, associado ao conceito de semióforo para a GMB, diante da atribuição de significado reconhecido pela comunidade científica nacional e internacional.

Destarte, coloca-se em evidência a necessidade de aprofundamento dessa temática, de modo a caracterizar o periódico científico criado na Bahia, em meados do século XIX, enquanto um semióforo, de forma que este seja incluído no rol dos patrimônios culturais e científicos no Brasil. Nessa perspectiva é que investimos na investigação doutoral acerca da trajetória, contribuições e desafios da GMB, como forma de sustentar a condição do periódico enquanto um patrimônio cultura da ciência.

Diante da originalidade, longevidade e representatividade evidenciada pela função primaz de comunicação científica, potencializada pela disponibilização em meios digitais, ferramenta contemporânea de ampliação da comunicação da ciência, e que tem alargado o acesso ao legado da GMB, assim como a expressividade da ciência traduzida em suas páginas, é que certificamos o potencial científico do período oitocentista.

Referências

ALENCAR, Alexandra. Patrimônio: para além da materialidade constituída. *Cadernos NAUI*. v. 2, n. 2, p. 125-128, jan-jun 2013. Disponível em: <https://nauui.ufsc.br/files/2013/08/Patrim%C3%B4nio-para-al%C3%A9m-da-materialidade-constru%C3%ADda.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2022.

AZEVEDO, Fernando. *As Ciências no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, v. 2, 1955.

BASTIANELLI, Luciana (Compilação e pesquisa). *Gazeta Médica da Bahia (1866-1934 / 1966-1976)*: Salvador: Edições Contexto, 2002.

BRASIL. *Decreto-Lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937*. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm. Acesso em: 03 jan. 2022.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 29 nov. 2022.

CARTA DO RIO DE JANEIRO sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia. Aprovada em 2017. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/noticias/2017/agosto/carta-do-rio-de-janeiro-sobre-patrimonio-cultural-da-ciencia-e-tecnologia.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CONI, Antônio Caldas. *A Escola Tropicalista Bahiana*: Paterson, Wucherer, Silva Lima. Bahia: Tipografia Beneditina Ltda, 1952.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As ciências na história brasileira. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n.1, jan./mar. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n1/a14v57n1.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil*. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos. *O sentido e o significado de documento para a memória social*. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997 (Tese). Disponível em: <http://www.referenciasarquivisticas.fci.unb.br:8080/jspui/handle/123456789/12423>. Acesso em: 03 jan. 2022.

DODEBEI, Vera. Memória, Circunstância e Movimento. In: GONDAR, JÔ; DODEBEI, Vera (Orgs.). *O que é memória Social?*. Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2005a.

DODEBEI, Vera. A condição do patrimônio: uma questão de informação?. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005 b. *Anais [...]*, Florianópolis, SC. Disponível em: <https://docplayer.com.br/77023477-A-condicao-do-patrimonio-uma-questao-de-informacao.html>. Acesso em: 03 jan. 2022.

EDLER, Flávio Coelho. *A Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2011.

FERREIRA, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: o periódico médico brasileiro da primeira metade do século XIX*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26436>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FRANCO, Odair. *História da febre amarela no Brasil*. Rio de Janeiro: GB, 1969.

GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin; CARNEIRO, Fernanda Carneiro; COUTINHO, Elaine Coutinho. Ciência no século XIX: a Contribuição Brasileira para a descoberta do agente etiológico da filariose linfática. *Revista de Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology*. Goiás, v. 39, n. 4. 2010: p. 251-260. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/iptsp/article/view/13060>. Acesso em: 03 jan. 2022.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, E. A. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1077-1097, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n4/11.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; CHAVES, Leandra; BARROS, Rodolfo. A “Escola Tropicalista” e a Faculdade de Medicina da Bahia. *Revista Gazeta Médica da Bahia*. Salvador, v. 78, n. 2, p. 86-93, 2008. Disponível em: <http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/view/971/0>. Acesso em: 03 jan. 2022.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *Juliano Moreira da Bahia para o mundo: a formação baiana do intelectual de múltiplos talentos (1872-1902)*. Salvador: Edufba, 2019.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSARANI, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: https://casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/Dissertacoes/Massarani_tese.PDF. Acesso em: 10 dez. 2020.

MATTOSO, Kátia de Queirós; ATHAYDE, Johildo de. Epidemias e flutuações de preços na Bahia no Século XIX. Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique. L’Histoire Quantitative Du Brésil de 1800 à 1930, 543., 1971. *Anais [...]* Paris, 1973. Disponível em: <https://archive.org/details/hisquant1971bre>. Acesso em 21 jan. 2022.

MAZZILLI, Hugo Nigro. *A Defesa dos Interesses Difusos em Juízo: meio ambiente, consumidor, patrimônio cultural, patrimônio público e outros interesses*. 20ª ed. Rev., ampl. e atual. São Paulo: Saraiva, 2007.

MEADOWS, Arthur Jack. *A comunicação científica*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

National Library of Medicine. *Index-Catalogue, Library of the Surgeon-General's Office 1880-1961*. Estados Unidos da América (USA). Disponível em: <https://indexcat.nlm.nih.gov/vivisimo/cgi-bin/query-meta?v%3Asources=indexcat&v%3Aproject=indexcat&sortby=ID&query=Gazeta+m+dica+da+bahia>. Acesso em: 12 set. 2022.

PEARD, Julyan G. *The Tropicalist School of Medicine of Bahia, Brazil, 1860 - 1889*. (Tese) Columbia University, 1990.

PEARD, Julyan G. *Race, Place, and Medicine: The Idea of the Tropics in Nineteenth-Century Brazilian Medicine*. London: London Duke University Press. 1999.

POMIAN, Krzysztof. *Historia cultural: historia de los semióforos en AA.VV. Para una historia cultural*. Rioux, Jean-Pierre y Jean François Sirinelli, coords. México. Editorial Taurus. 1999. pp. 73-100. (versión en español).

RANGEL, Marcio Ferreira. *Um entomólogo chamado Costa Lima: a construção de um saber e a consolidação de um patrimônio científico*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2006. 300 f. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19787>. Acesso em: 03 jan. 2022.

RANGEL, Marcio Ferreira. Os periódicos científicos e os museus de história natural no Brasil do Século XIX. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BENANCIB), 10., 2009. *Anais [...]*, 9. João Pessoa, PB Disponível em: Produção X Enancib 2009 (unb.br). Acesso em 18 out. 2021.

RECOMENDAÇÃO de Paris. 13ª Conferência geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO). 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Paris%201964.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

RIBEIRO, Maria Alice. *Patrimônio bibliográfico e documental da UFBA*. Projeto Registros de Informação. Youtube. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qNLsBM47UFg>. Acesso em: 29 nov 2022.

SANTOS, Adailton Ferreira. *Escola Tropicalista Baiana: registro de uma nova ciência na Gazeta Médica da Bahia (1866-1889)*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13391>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SANTOS, Adailton Ferreira. *A presença das ideias da Escola Tropicalista Baiana nas teses doutorais da Faculdade de Medicina (1850-1889)*. São Paulo, 2012. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13277>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. *A constituição de identidades médicas no Brasil pré-republicano: apontamentos sobre a clínica e a experimentação*. Revista Caderno de História e Ciência. v. 5, n. 2. São Paulo, jan./jul, 2009. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/cadernos/article/view/35779>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SILVA LIMA. Helminthologie. *Archives de Médecine Navale*. Paris. v. 28, 1877, p. 439. Disponível em: <https://archive.org/details/s423id13662520>. Acesso em: 29 nov 2022.

SILVA LIMA, J. F. da. The later Dr. Wucherer and the Filaria Brancofti. *The Lancet*. Reino Unido: Elsevier. v. 111, p. 440 - 441, 1878a. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140673602431145>. Acesso em: 03 de abr. 2022.

SILVA LIMA. Pathologie Exotique. *Archives de Médecine Navale*. Paris. v. 29, 1878b, p. 200. Disponível em: <https://archive.org/details/s423id13662530>. Acesso em: 29 nov 2022.

SILVA. Márcia Regina Barros da. História da Saúde: acervos de periódicos científicos nas bibliotecas especializadas. Revista Sillogés. Rio Grade do Sul. v. 2, n. 2, p. 227 – 248. 2019. Disponível em: <http://www.historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/65/70>. Acesso em 13 set. 2022.

SMITH, Laurajane. *Uses of heritage*. Routledge: New Edition, 2006.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. *O Patrimônio como processo: uma ideia que supera a oposição material-imaterial*. Em Questão, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 241-255, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/17609/14306>. Acesso em 18 out. 2021.

STEPAN, Nancy. *Beginnings of Brazilian Science: Oswaldo Cruz, Medical Research and Policy, 1890-1920*. New York: Science History Publ, 1976.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHWARTZMANN, Simon. *Formação da comunidade científica*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

Recebido em setembro de 2022

Aceito em dezembro de 2022